

Curt Nimvendajú.

REVISTA DO SERVIÇO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E
ARTÍSTICO NACIONAL, nº8, Rio de Janeiro, 1944.

A HABITAÇÃO DOS TIMBIRA

Os próprios Timbiras consideram como um dos mais característicos elementos da sua cultura a forma circular das suas aldeias. Enquanto os Timbiras ainda possuem a sua consciência étnica não se deixarão persuadir a abandonar esta forma de habitar em conjunto, intimamente ligada à sua organização social e cerimonial. Apesar da sua grosseira ignorância em relação à cultura indígena, os missionários Batistas entre os Krahó parece que instintivamente sentiram a importância social do círculo da aldeia, empregando todos os esforços para conseguir que os índios o desprezassem, visto como enquanto existiam as aldeias circulares também estava de pé a antiga ordem social, dentro da qual não há lugar para missionários. Também o Encarregado do Serviço de Proteção aos Índios procurou debalde convencer os Rãnkókamekra que um povoado em forma de rua é melhor que um em forma circular, quando eles, em 1924, mudaram a sua aldeia para o Ponto. Foi, porém, bastante sensato em não insistir quando os índios recusaram peremptoriamente a proposta.

Snethlage (Nordostbr. Ind. p. 152) escreve que Pereira do Lago mencionou aldeias circulares entre os Gamelas de Viana; Ferreira Gomes, entre os Krahó; e Ribeiro aldeias em forma de meia-lua entre os Timbiras de Goiás. Todas estas três citações são, porém, incorretas: O primeiro só diz que as choças dos Gamelas eram redondas, sem se referir à sua disposição. O último diz textualmente, depois de declarar que os Timbiras sempre arranjam os seus acampamentos e aldeias em forma circular: "alguns índios de Goiás edificam em meia-lua", referindo-se, sem dúvida, aos Savante-Serente cujas aldeias têm a forma de ferradura (v. Nimvendajú: The Serente, p. 16). Ferreira Gomes (Iti-

nerário, p. 495), enfim, menciona a aldeia circular dos Krëyé que naquele tempo ainda moravam perto de Imperatriz, mas nada diz sobre a forma das aldeias dos Krahó (que de fato têm a forma circular) declarando (p. 400) expressamente que não chegou a vê-las: "... três aldeias de indígenas mansos os quais não foram vistos por mim... estes indígenas são de duas nações, caraús (= Krahó) e chavantes".

Para a fundação da sua aldeia (kri) escolhem os Timbiras do campo sempre um lugar que satisfaça às exigências seguintes:

1) O chão deve ser plano e, como nos declives para os cursos de água, espaços planos com a extensão necessária não costumam existir, as suas aldeias todas se acham nos altos dos campos, em geral no fim de algum contraforte, no ângulo entre dois cursos de água confluentes.

2) O solo não deve ser pedregoso nem arenoso, mas ser formado de argila dura, pois sobre pedras e areia é impossível dançar com aquela perseverança que o cerimonial dos Timbiras exige.

3) O lugar não deve ser demasiado distante da água, isto é, a mais de um quilômetro.

4) Nas proximidades deve haver bastante mata ciliar para os roçados durante o espaço de uns 10 anos. Quando, depois, em consequência das derrubadas anuais, a mata já fica numa distância de mais de duas léguas da aldeia, muda-se esta novamente para um lugar onde ainda haja bastante mata na vizinhança. Ademais, cuida-se que o lugar da nova morada seja isento de impaludismo, o que os campos dos Timbiras em geral são.

Como aldeia Timbira típica podia-se considerar a do Ponto dos Rãnkókamekra. Tão perfeitamente orbicular e simétrica como no plano de Fróis Abreu (Terra das Palmeiras), certamente ela não era; o perfil que o mesmo autor dá (p. 99) também não demonstra que ela se achava situada no alto do campo. Em 1930 ela se compunha de 31 casas (ikré). O diâmetro do círculo era de 300 metros. Passando diante das casas, havia ao redor da praça uma rua (krikapé) de largura irregular que eu, neste trabalho, chamarei de "rua circular". A sua largura mínima era de uns 7 metros, mas em frente às duas casas das moças Vu/té que sempre estão diametralmente opostas, a rua se alarga, formando pequenos terreiros de dança. Como se corre e dança

CEDI - P. I. B.
DATA 02/04/93
COD. 000000000000

continuamente nesta rua circular, não há nela uma graminha sequer, além do que ela é especialmente limpa por ocasião das festas.

No centro da praça cuja periferia é formada pelo círculo das casas, está o que eu chamarei "o pátio" (ka), uma área também circular, de uns 50 metros de diâmetro, igualmente limpa de toda vegetação. Cada uma das casas está ligada a este pátio por um caminho reto, de 2 a 5 metros de largura, que chamarei "caminho radial", de igual modo conservado inteiramente limpo, pelo menos em tempo de festa. Nas áreas triangulares entre êsses caminhos radiais, cresce o capim livremente, não se deixando, porém, crescer arbustos; e da antiga arborização do cerrado apenas se poupou um grande pé de sucupira na beira do pátio, por ter esta árvore um certo valor estimativo para os Ramkókamekra.

Sobretudo na época da festa, estando limpos todos os caminhos e praças, a aldeia apresenta um aspecto muito bonito e pitoresco. Qual uma roda enorme com raios e cubo, avista-se ela, estendida na chapada, quando, vindo de Barra-do-Corda, o viajante alcançou a última elevação ao norte, enquanto a Serra do Alpercatas cerra os fundos do quadro.

Rumo aos pontos cardeais partem da aldeia quatro estradas quase à linha (pa/kré) pelos campos afora, sendo as do norte e leste as melhores e mais compridas. A primeira tem 17 quilômetros de comprimento (e não 25 a 30, como escreve Snethlage).

Estas estradas são propriamente destinadas às corridas de tora, só sendo limpas de árvores e arbustos numa largura de pelo menos 7 metros em certas ocasiões, de cinco em cinco anos, mais ou menos. Comumente elas servem de vias de comunicação, mesmo aos neobrasileiros. Vi semelhantes estradas também nas aldeias dos Krikatí, Pukóppe e Apányekra, e uma expedição punitiva, que em 1913 penetrou nas matas dos Gaviões Ocidentais, também lá as encontrou.

A 700 metros do círculo das casas, lá onde a estrada que vai em rumo leste atravessa o ribeirão Santo Estêvão, está a principal aguada da aldeia, onde sempre são encontrados durante o dia índios e índias de todas as idades, tomando banho e transportando água. Uma outra aguada, da qual só se serviam ocasionalmente os habitantes de duas ou três casas, estava a 200 metros mais abaixo, à

sombra de uma grande árvore velha. O Santo Estêvão tem, mesmo no rigor do verão, uma largura até 15 metros e uma profundidade máxima de 1,70 metros, sendo as suas águas muito claras e boas.

Trezentos metros ao norte da aldeia existia uma pequena baixa que desaguava para o Santo Estêvão. No seu fundo só durante a estação das chuvas se formava um pequeno curso de água. Logo que os Ramkókamekra fundaram a aldeia do Ponto, plantaram pela baixa afora, numa extensão de meio quilômetro, numerosas palmeiras buritis, razão por que hoje nela se encontra água, mesmo no rigor da seca. Pegaram também peixinhos e até um filhote de jacaré, soltando êstes animais no novo curso de água criado pelos índios, na expectativa de que êles, na qualidade de animais aquáticos, contribuiriam eficientemente para a formação de um genuíno córrego do campo. Ninguém se aproveitava deste buritizal plantado. Raras vezes eu vi o chefe Kukrãçá tão indignado como no dia em que avistou na mão de sua sobrinha a fôlha nova de buriti que ela trouxera quando tinha ido à baixa buscar água; pouco faltou que lhe batesse.

Os Krikatí do Canto da Aldeia, nas últimas cabeceirinhas do rio Pindaré, não tinham no verão água corrente, suprindo-se de diversas cacimbas cavadas no fundo do leito seco das cabeceiras.

Todos os Timbira possuem hoje aldeias fixas com as casas construídas para alguns anos, onde moram, todos reunidos, especialmente durante o tempo das festas, de maio a agosto. A forma das casas diverge um pouco de uma tribo para outra, e até na mesma aldeia, sendo, porém, sempre muito parecida com aquelas que usam os neobrasileiros mais pobres da região. Como a extensão deste tipo entre os últimos ultrapassa muito os limites da antiga terra dos Timbira, estendendo-se, por exemplo, também à tribo Tupi dos Guajajaras, é plausível que os índios o tivessem adotado dos civilizados. Sob que influências, porém, êle se formou entre êstes últimos—é outro problema.

As melhores casas encontram-se, sem dúvida, entre os Ramkókamekra. A planta é retangular, um dos lados compridos formando a frente para a rua circular. A armação compõe-se de duas carreiras de esteios com forquilhas (ikré-yôçwá-hi), sobre os quais descansam

horizontalmente duas linhas (pī-teka/pa), unidas por duas travessas colocadas em ângulo reto sôbre as suas pontas, junto dos dois pares extremos de esteios. Na linha mediana maior dêste espaço retangular estão dois ou três esteios mais compridos, que sustentam a cumieira que de cada lado é um pedaço mais curto que o quadro. Das duas pontas da cumieira descem de cada lado dois caibros principais (ikreyō) para os quatro cantos do quadro. Nos intervalos põe-se um número suficiente de caibros para nêles amarrar a palha da coberta (ikrekuni). A casa tem, portanto, uma coberta de quatro águas, e já essas tacaniças provam que a forma é adotada. A coberta é feita de fôlhas de babaçu ou de anajá. Do mesmo material são feitas as paredes, se as tiver, sendo as folhas amarradas nos esteios e eventualmente ainda em varas verticais intercaladas. Tôda a ligação é feita por amarração com cipó. Tôdas as fôlhas de palmeira são aplicadas em posição horizontal, com os folíolos pendentes para um só lado. Sôbre a cumieira se colocam fôlhas de palmeiras em sentido longitudinal, firmando-as por meio de um número de paus em forma de ângulo, enganchados aos pares. A casa completa é fechada por paredes de todos os quatro lados; às vêzes, porém, falta a parede da frente, total ou parcialmente, ou sômente uma parte da casa forma uma espécie de quarto fechado. A porta sempre se acha no lado comprido, virada para o pátio. A esta porta da frente corresponde, as mais das vêzes, outra porta na parede dos fundos. As casas da aldeia do Ponto, sem exceção, eram dêste tipo. Nenhuma delas era feita pela maneira que Sampaio e Magalhães Correia (Notas sôbre o "habitat" rudimentar, Est. II.) indicam como típica para os Canelas do Ponto. O tipo apresentado por aquêles autores, com coberta de duas águas e porta ao lado do esteio da cumieira, encontra-se, porém, com certa freqüência nas aldeias dos Krahó.

Janelas, que às vêzes faltam também em habitações neobrasileiras da zona, nunca existem nas casas dos índios. A entrada é às vêzes protegida por uma velha tora de corrida, atravessada, tendo-se de passar em cima dela para entrar; isto por causa dos porcos domésticos que andam soltos. À noite e durante a ausência de todos os seus habitantes fecha-se a porta, de maneira bastante deficiente, com uma

esteira encostada ou pendurada nela. As casas são construídas pelos homens que nelas habitam, mas são propriedade das mulheres.

As habitações das famílias das duas moças Vu/té onde, durante o segundo período do ano, se reúnem e fazem as suas refeições as Classes de Idade, são construídas pelas duas classes mais novas, a saber: a da Vu/té do Oriente pela classe do Ocidente, e vice-versa.

A casa da mulher de um índio que tinha ido à Capital do Estado em interêsse da tribo foi, durante a sua ausência, igualmente levantada pelas duas Classes de Idade mais novas. Quem tiver necessidade de recorrer ao auxílio delas tem de dirigir o seu pedido aos Chefes e ao Conselho, que transmite as suas ordens aos Comandantes das Classes. Agora a comida, estas não recebem gratificação. Sempre aparecem em tais casos com as suas companheiras de idade, que ajudam a preparar a comida e dançam com os rapazes. Num caso observei que tanto os parentes maternos como os paternos da proprietária da casa ajudavam na construção. Em outros casos o trabalho era feito só pelos habitantes.

Imediatamente ao lado ou atrás, raras vêzes adiante da casa, há comumente alguns arbustos de urucu, às vêzes também uma pimenteira, uma laranjeira, uma mangabeira ou um limoeiro, êstes três últimos adotados dos neobrasileiros. Com relativa freqüência entre os Krahó, mas raras vêzes entre os Ramkókamekra, vê-se logo ao lado ou atrás da casa um jirau onde se pode secar ao sol o que for preciso, sobretudo massa de mandioca e também cuias, canas de flecha, carne, etc., fora do alcance dos cachorros e porcos.

Muito menos limpas e arrumadas que a aldeia do Ponto são as outras aldeias dos Timbira Orientais. Já as duas aldeias dos Kenpókateye-Krahó, Pedra Branca e Pedra Furada não se podiam comparar com a dos Ramkókamekra. As casas eram menores e feitas com menos esmero: às mais das vêzes faltavam as tacaniças. Porquinhos, a aldeia dos Apanyekra, oferece um quadro de desleixo: as suas 12 choças eram pequenas, e muitas delas bastante arruinadas. Na praça coberta de moitas havia um ranchinho ruim para abrigar viajantes neobrasileiros, instituição esta que não existe em nenhuma outra aldeia Timbira. Os caminhos estavam cheios de mato. Mais ou menos semelhante era o aspecto das aldeias dos Krikatí e Púkopye,

das quais Canto da Aldeia contava 8, São Félix 13 e Recurso 11 choças. Estas são inteiramente abertas ou têm apenas uma parede do lado posterior cujas fôlhas de palmeiras são aplicadas em sentido vertical de ponta para baixo e com os folíolos em posição natural. É a maneira original dos Timbiras Orientais fazerem paredes, sendo aquela dos Ramkókamekra, com fôlhas horizontais e folíolos pendentes para um só lado, emprestada dos neobrasileiros. Na aldeia do Recurso eu vi as habitações menores e mais mal feitas.

A aldeia da Gameleira do Rumo, dos Kre/púmKateye, encontra-se, ao contrário das anteriores, sôbre um barranco de 30 metros de altura, na margem esquerda do rio Grajaú. Compõe-se de 8 casinhas, na maioria com paredes de grades, barreadas, que cercam um pátio aproximadamente redondo, com 50 metros de diâmetro, quanto muito.

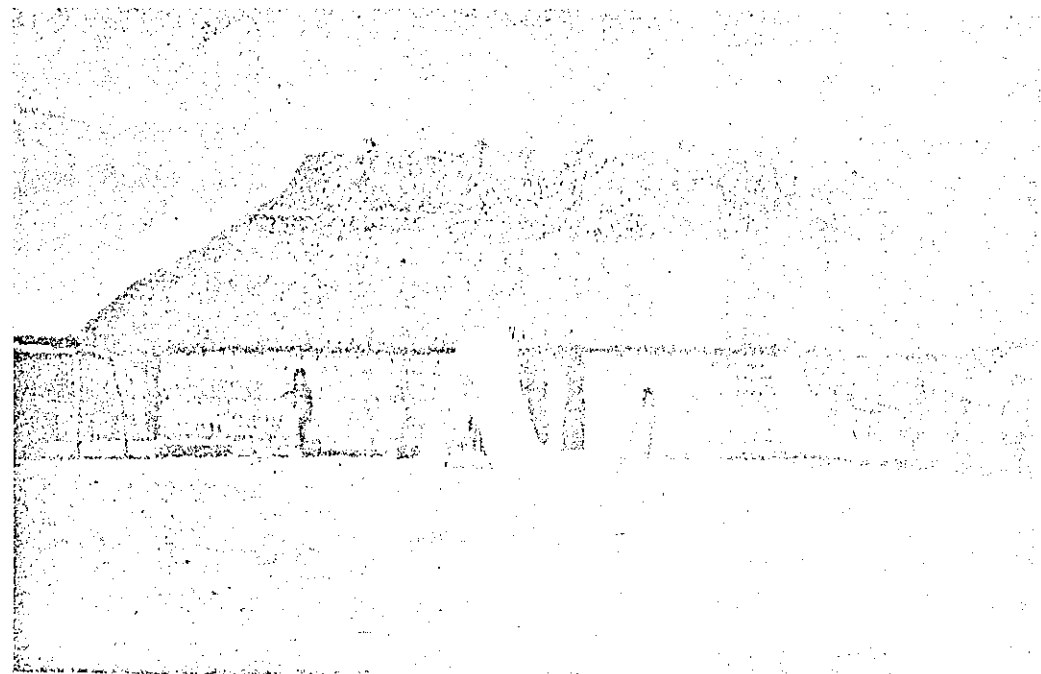
Numerosos caminhos estreitos cortam o campo e a mata ciliar em todos os sentidos, indo ter aos lugares que se procuram para a caça e para a pescaria. Os caminhos das roças são sempre largos e limpos, para que as mulheres possam passar livremente com os seus cêstos de carga. Pelos brejos se passa sôbre estivas feitas com paus deitados ao comprido, ao lado dos quais, às vêzes, existem varas fincadas em que o passante se possa segurar. Passam-se os riachos em pinguelas de árvores grossas, às vêzes suportadas por paus fincados na água em forma de tesoura, em cujos braços varas amarradas horizontalmente formam um corrimão. A superfície da ponte é, às vêzes, aplainada a machado paã o pé não escorregar. Caindo no mato uma árvore demasiadamente grossa e comprida, atravessada sôbre o caminho, costuma-se fazer de cada lado um plano inclinado de varas grossas, que permitem subir e descer cômodamente.

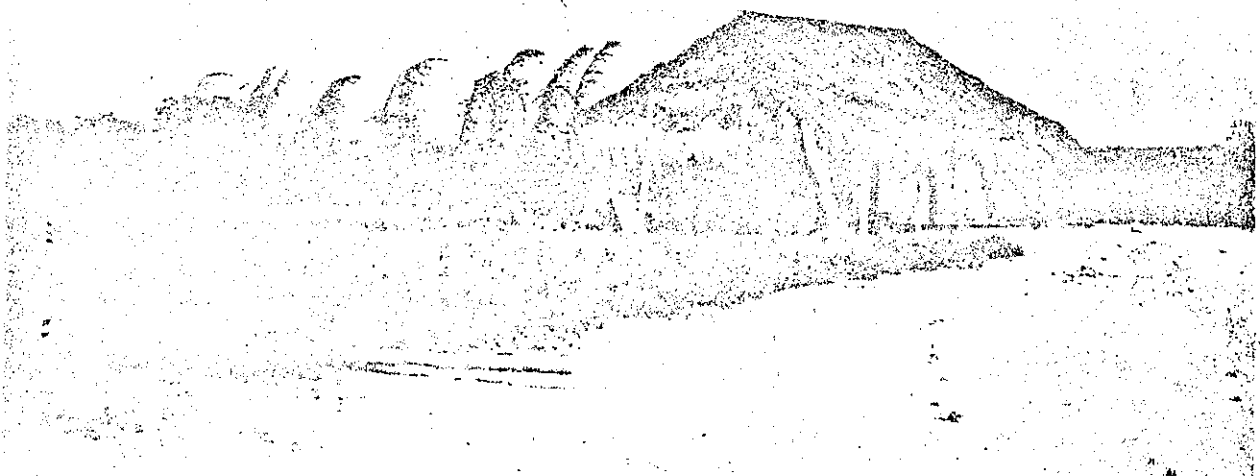
A peça principal de uma casa de Timbira é a cama de varas (pára), feita de um jirau de braços de buriti bem juntos, armados em quatro forquilhas com duas travessas. A altura por cima do chão é de 50 centímetros mais ou menos e o comprimento de 1,70 a 2,00 metros, enquanto a largura varia conforme o número de pessoas que se servem d'êle, de meio metro para uma pessoa solteira até três metros para uma família numerosa. Se a casa possuir um quarto fechado, as camas de vara, das quais cada família-pequena possui o

1769



O quarto de reclusão do Pepycé no interior da casa materna

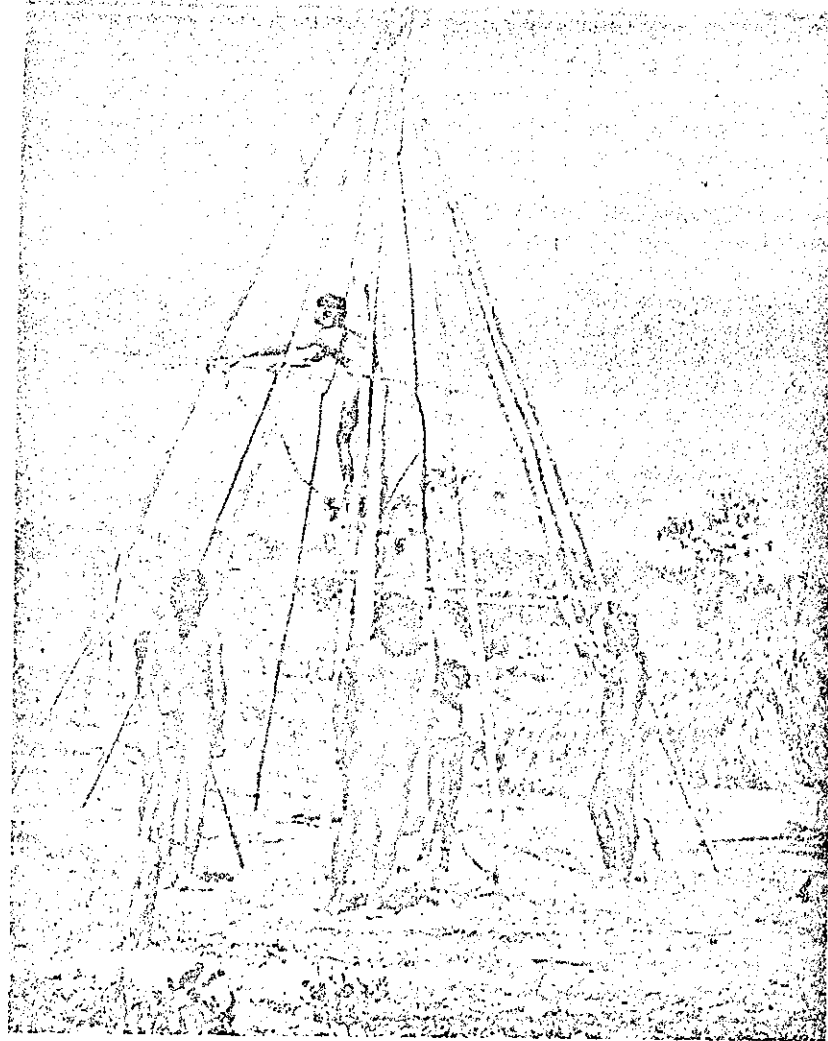




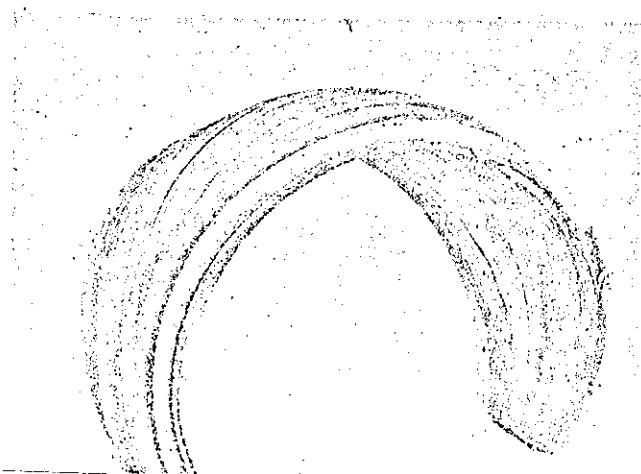
Pepyé: co cercado atrás do quarto de reclusão



Construção do quarto de reclusão



Armação da casa da Sociedade das Lontras no Pátio da Aldeia



seu próprio, sempre se acham nêle. Moças têm as mais das vêzes as suas camas numa altura de 2 metros acima do chão, debaixo da cobertura, e rodeada de esteiras em forma de paredes; uma árvore com entalhes ou simplesmente uma vara amarrada obliquamente serve de escada.

No jirau há sempre um número maior ou menor de esteiras. Se a cama fôr feita com capricho há em baixo uma ou duas de palha de babaçu ou de anajá (kupíp) para nivelar as desigualdades do jirau, e por cima destas, outras de envira de buriti (ka/tú). As primeiras são compridas mas relativamente estreitas e feitas sempre em técnica de "dois para cima e dois para baixo". A largura das segundas é arbitrária (até 120 centímetros), mas o comprimento máximo do tecido é de um metro, sem contar com as franjas que são de 30 a 40 centímetros. Alguns Ramkókamekra ostentam com essas esteiras um certo luxo, trançando-as com ornamentos em forma de listras verticais ou horizontais ou de quadros, ou pintando-as com tinta amarela da raiz do urucu, formando pontos, retas e ziguezagues. Cobrem-se com esteiras de buriti, ficando porém, os pés descobertos, sendo que para aquecê-los há sempre, durante a noite, uma pequena fogueira no chão, junto à beira do jirau ao lado dêles.

A cama de varas com as suas esteiras não serve sòmente para nela se dormir e descansar, mas é, simultâneamente, banco e mesa, tanto que uma grande parte da vida doméstica se desenrola sôbre ela. Muitos gostam de tomar as refeições nela, e em algumas casas até os cachorros de estima têm direito a um lugarzinho no jirau. Em consequência, são as esteiras quase sempre gordurentas e de côr castanha, do urucu e da sujeira. Tornando-se sujas de mais, são lavadas no riacho com o auxílio de fôlhas de um arbusto que produz uma espuma como a de sabão. As esteiras de babaçu e anajá, porém, nunca se lavam; sendo de confecção rápida, são substituídas por novas quando sujas de mais. Nas noites belas do verão também entre os Ramkókamekra muitas famílias costumam dormir, pelo menos durante as primeiras horas da noite, sôbre esteiras estendidas no terreiro da casa, pois gostam de sentar-se nelas à porta, à hora depois do sol pôsto, e adormecendo em seguida, mesmo sem fogo, até que o frio da madrugada os afugente para dentro da casa.

Entre os Rãmkókamekra, Apányekra e Krahó o uso da cama de varas é geral. Snethlage (Nordostbr. Ind., p. 155) citando também os Kayapó Meridionais entre as tribos que a usam, segundo Silva e Sousa, não compreendeu bem o texto: Este autor fala apenas de "arranchementos com 400 camas" que podem ter sido camadas de folhas dispostas no chão, o que me parece mais provável. Os Krikatí e em parte, também, os Pukópye, na época da minha visita, dormiam no chão sobre esteiras e cobertos com outras, mas não em rêdes; sobre este ponto a citação de Snethlage, (p. 116) não está exata. A única tribo Timbira onde um certo número de pessoas dorme regularmente em rêdes é a dos Kre/púmkatéye, o que Snethlage também observou. Os Krikatí, Pukópye e Rãmkókamekra possuem, na verdade, um número de rêdes, mas só as ocupam para o descanso durante o dia. Quase sem exceção essas rêdes são obtidas por troca, dos Guajajaras, sendo que todas que encontrei entre os Krikatí e Pukópye procediam da pequena aldeia isolada de Urucu, as dos Kre/púmkatéye dos Guajajaras que habitam mais acima no Grajaú, e as dos Rãmkókamekra das aldeias além do rio Corda. Entre estes últimos Timbiras vêem-se também algumas rêdes neobrasileiras trazidas das suas viagens de mendigação às Capitais dos Estados. Até à época da minha estada entre eles, os Timbiras jamais confeccionaram uma rêde de algodão; ultimamente, (1944) pelo menos os Krikatí, já aprenderam a sua fabricação.

Nos seus acampamentos volantes fazem os Timbiras em poucos minutos uma rêde que se presta muito bem durante alguns dias, trançando as pontas dos folíolos de duas folhas de buriti, formando os talos, afinados até a grossura de um dedo e torcidos, as cordas desta rêde. Tais rêdes podem-se ver, também, às vezes, nas aldeias permanentes, especialmente entre os Krahó, e entre os Akwé-Serénte elas encontram-se igualmente em uso.

Snethlage viu entre os Apányekra uma rêde para criança feita de poucos fios de envira. Eu próprio vi uma do mesmo material entre os Rãmkókamekra, que era feita de cordas da casca preta do guembé (*Philodendron* sp.), não na técnica do fio duplo, como as dos Guajajaras, mas na de malhas abertas em que os Timbiras fabricam os seus puçás, somente com malhas mais largas. Entre os Serénte se encon-

tram rêdes semelhantes com relativa freqüência, das quais os caçadores se servem armando-as nos galhos das árvores onde esperam a caça durante a noite. Não parece, portanto, ser um elemento adquirido das tribos Tupis.

Em duas ou três casas da aldeia do Ponto havia, também, um sótão num canto, com soalho de varas e paredes de palha, inteiramente fechado, com uma pequena porta para a qual conduzia um pau com recortes. Servia de celeiro e para guardar os objetos de mais valor; é uma imitação dos sótãos existentes em algumas casas neobrasileiras.

Nenhuma tribo Timbira usa jirais no interior da casa, para depositar objetos. Deixando de parte os sótãos mencionados, todos os utensílios encontram-se metidos na palha da cobertura e das paredes, jazem no chão, nos cantos, ao longo das paredes ou debaixo das camas de varas, ou, em se tratando de miudezas, estão pendurados em bolsas e cestos, dos quais sempre existe um bom número. Para pendurá-los deixa-se, às vezes, nos esteios algum tóco de galho, e a mesma utilidade têm, também, as cordas que pendem dos caibros. Ganchos e travessas próprias para pendurar qualquer coisa não existem.

Ao equipamento permanente da casa Timbira pertencem, também, as fogueiras, das quais há três espécies: Primeiro, o foguinho noturno ao pé da cama de varas, que durante o dia é apenas ocupado ocasionalmente para algum fim técnico. Segundo, o fogo da cozinha que às vezes coincide com o primeiro, mas com preferência se faz na parte da casa fora do quarto fechado. É com a sua trempe de pedras, uma inovação, visto como nenhuma tribo Timbira, antigamente, sabia cozinhar, ocupando provavelmente para o preparo daquela comida que se fazia no espêto e no borralho, a fogueira ao pé da cama. Como entre os neobrasileiros, dos quais ela foi adotada juntamente com a panela (de ferro), esta fogueira de cozinha se acha sempre dentro da casa.

Terceiro, o forno de terra (kíya-ça) que sem exceção é fora da habitação, tanto na casa permanente como no acampamento, alguns metros atrás dela, do lado do campo. Só por ocasiões festivas especiais o cerimonial prescreve que os fornos sejam feitos em frente às casas, na margem interior da rua circular.

Fora do uso ele se apresenta como um feio mesclado de pedras, terra revôlta, pedaços de lenha queimados, fôlhas e esteiras velhas. É um elemento de cultura comum não só a tôdas as tribos Timbiras como, também, aos Kayapó, Šerénte e Gamelas de Viana.

Falando do forno de terra tratarei também, logo, do preparo dos bolos de massa de macaxeira, que representam um papel tão importante no cerimonial dos Timbiras:

Deitam-se no chão fôlhas de sororoca (*Ravenala* sp.), cruzadas em forma de estrêla, até formarem um disco, sôbre a parte central do qual se espalha uma camada de dois dedos de massa de macaxeira. Nesta se mete uma boa quantidade de pedacinhos de carne de uma a duas polegadas, espalhados sôbre a massa e cobertos por outra camada desta. Depois dobram-se as pontas sobressalentes das fôlhas para o centro, cobrindo completamente a massa. Amarra-se tudo com cipós finos, de maneira que o bolo se apresenta como embrulho de fôlhas, chato e redondo, de até 60 centímetros de diâmetro. Nesse meio tempo uma grande fogueira sôbre a qual se tem pôsto uns vinte pedaços de barro duro da casa de cupim do campo ou pedras, do tamanho de um punho fechado, acabou de queimar. Os restos da fogueira são postos de lado e o lugar quente dela varrido e forrado com fôlhas de sororoca sôbre as quais se deposita o embrulho com o bôlo de carne. Sôbre êste se colocam então os pedaços de barro ou pedras quentes, cobrindo-os com fôlhas ou esteiras velhas e, cavando ao redor, cobre-se tudo com uma grossa camada de terra, não deixando escapar nenhum fio de fumaça, de maneira que êste forno toma o aspecto de uma sepultura nova. Depois de umas duas horas o bôlo está estufado.

Êste tipo de forno de terra é o que está em uso geral entre todos os Jê do Noroeste e do Centro. A comida é estufada entre o chão quente e os pedaços de barro ou pedras quentes; nada, portanto, de uma "cova no chão". Devo salientar isto porque todo um número de investigadores (Ribeiro: *Memória*, § 16, 17. — Pohl: *Reise*, I, 404. II, 30. — Krause: *In den Wildnissen*, 388 — Sneath: *Nordostbr. Ind.*, 156. — Fróis Abreu: *Terra das Palmeiras*, 177) falam de covas como em uso entre os Kayapó, Timbiras e Šavánte. Krause confessa não ter visto o processo, e provavelmente os outros quatro autores

tampouco o assistiram *de visu*, pois a técnica que descrevem ou é de todo impossível ou pelo menos extremamente ineficiente. Talvez a terra cavada ao redor do forno lhes tivesse causado a impressão de uma cova.

Nas fogueiras das Classes de Idade no pátio não se prepara comida.

Hoje, se o fogo se apagar, o que raras vêzes acontece, e se não houver nenhum vizinho perto que possa fornecer um tição, ele é produzido com o batefogo dos sertanejos que consiste num fuzil, num pedaço de aço qualquer e em isca de algodão queimado dentro de uma ponta de chifre de vaca. Todos, porém, conhecem ainda os paus ignífegos dos antigos (*râra*) que são duas varinhas de urucu. A vara de verrumar tem meio metro de comprimento e uma grossura pouco menor que a de um dedo, e finda numa ponta arredondada. O suporte é de comprimento mais ou menos igual e de grossura um pouco maior. O fundo em que se assenta a vara de verrumar tem uma saída lateral que, às vêzes, falta. Maneja-se êste aparelho sentado, firmando o suporte com os pés no chão. Para o trabalho no roçado e para a pescaria noturna leva-se sempre um pau de lenha aceso.

Para avivar a chama serve um abano (*kapér-ça*) em forma de uma pequena esteira de palha de babaçu, anajá ou bacaba, de forma quadrada e até hexagonal, que oportunamente também serve de assento para a mulher junto à fogueira, de pá de lixo ou de tampa de panela.

Buscar lenha pertence às ocupações femininas. Em geral as mulheres se convidam umas às outras para a sua execução. Uma grande árvore sêca demasiadamente pesada para elas é, porém, trazida muitas vêzes pelo homem.

A lenda que conta como os índios adquiriram o fogo da onça eu encontrei, com variantes insignificantes, não só entre os Ramkókamekra, Krëyé de Bacabal (*Vokabular und Sagen*, p. 633) e Apinayé (*The Apinayé*, p. 154) como, também, entre os Kayapó e Šerénte. (*Šerente Tales*, p. 181).

A versão dos Ramkókamekra é a seguinte:

“Isto aconteceu nos tempos em que os índios ainda não possuíam fogo; para não comer a carne inteiramente crua torrava-se ela ao calor do sol, sôbre uma laje de pedra.

Um homem descobriu uma ninhada de araras dentro de um buraco num paredão de pedra a pique. Levou um menino, que era cunhado dêle, para tirar os filhotes, cortou uma árvore e encostou-a ao paredão para o menino poder subir. Mas, quando êste quis agarrar os filhotes, êstes gritaram tanto, que êle ficou com mêdo de tocar-lhes. O homem mandou que êle os atirasse logo para baixo, e como o menino ainda se mostrou com mêdo, êle se zangou, atirou para um lado a árvore e foi para casa só.

O pequeno, que sem a árvore não podia descer, ficou sentado junto ao ninho. Êle quase morreu de sêde, e os araras velhos, voando por cima dêle, defecaram-lhe na cabeça ao ponto de êle criar vermes; mas os filhotes em pouco tempo perderam o mêdo.

Um jaguar passou por perto do paredão, e vendo a sombra do menino quis agarrá-la quando êste moveu o braço. Finalmente, o menino cuspiu para baixo, e agora o jaguar, levantando a cabeça, viu-o e perguntou; “Que estás fazendo lá em cima?” — “Meu cunhado mandou-me tirar os filhotes dos araras, e como não tive coragem de pegá-los êle se zangou e derribou a árvore pela qual eu tinha subido”. — “Atire para baixo os filhotes!” mandou o jaguar. O menino obedeceu, e o outro os apanhou e devorou. “Agora salta tu mesmo!” ordenou depois o jaguar, mas o menino não quis obedecer com mêdo de ser devorado por êle, também. “Não, eu não te comerei”, sossegou-o o jaguar, salta logo e eu te apararei. Finalmente, o menino se resolveu a saltar e atirou-se para baixo onde o jaguar o apanhou no ar entre as patas dianteiras. Carregou-o para junto de um ribeirão, fê-lo beber, lavou-o e levou-o para casa.

Havia na casa do jaguar um grande moquém com muita carne, e debaixo dêle um enorme tronco de jatobá em brasa. O jaguar deu ao menino um pedaço do moqueado, e deixando-o em casa em companhia da sua mulher que estava prenhe, foi outra vez ao mato caçar. Ora, a onça não suportava o menor ruído e, quando o menino estalou entre os dentes um pedaço do moqueado bem tostadinho, ela se enfureceu. “Meu neto!” gritou ela, mostrando-lhe as unhas e rosnando. O menino, muito assustado, queixou-se ao jaguar quando êste voltou. Então o jaguar fêz-lhe um arco e flechas, instruindo-o que, se a onça outra vez se enfurecesse contra êle, atirasse na palma da mão dela e fugisse pelo caminho que êle lhe ensinou e pelo qual chegaria outra vez à aldeia. Tendo o jaguar outra vez partido para a caça, o menino sentiu fome, tirou um pedaço do moqueado e comeu. Imediatamente a onça se irritou com o ruído de mastigar e mostrou-lhe furiosamente as unhas. Quando pela terceira vez ela repetiu êste gesto, o menino flechou-a na mão e fugiu, não podendo a onça persegui-lo por estar prenhe.

O menino, enveredando pelo caminho indicado pelo jaguar, voltou para a aldeia e ali contou a seu pai o que lhe tinha acontecido, que na casa do jaguar havia fogo e como era saboroso o moqueado. Então o pai foi ao pátio e relatou tudo aos chefes e ao conselho, e êstes resolveram logo buscar o fogo para a aldeia.

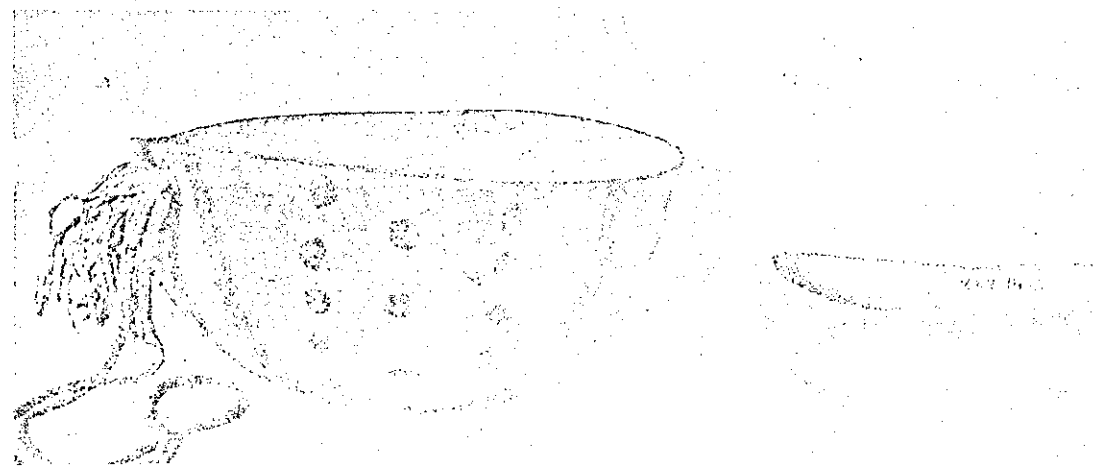
Pondo estafetas ao longo de todo o caminho da aldeia até a casa do jaguar, mandaram o seu melhor corredor entrar nesta, junto com o sapo. O jaguar outra vez não estava em casa. Então o homem agarrou o tronco de jatobá aceso e correu com êle. A onça pediu que lhe deixassem pelo menos um tição, mas não ficou nada, pois o sapo cuspiu em cima de tôdas as brasas que ainda se achavam espalhadas, apagando-as. O homem com o tronco aceso correu até o primeiro estafeta que lhe tomou a carga do ombro, correndo com ela até o segundo, e assim por diante, até que todos chegaram na aldeia com o fogo.”

A variante dos Krëyé de Bacabal do mito da aquisição do fogo é a seguinte (C. N. Vocabular und Sagen, p. 633):

“Um homem saiu em companhia de seu pequeno cunhado para tirar os filhotes de arara que havia num ninho no óco de uma árvore muito grande. Depois de ter feito um mutá, êle mandou o menino subir ao buraco. Quando êste meteu a mão pela abertura para pegar os filhotes, êstes começaram a gritar de tal forma que êle ficou com mêdo de pegá-los. O homem insistiu com êle por diversas vêzes que o fizesse, mas o menino não se achou com coragem. Finalmente, o homem se zangou: derribou o mutá e foi para casa enquanto o menino ficou na árvore, junto ao ninho das araras. Com o tempo os filhotes dêstes ficaram tão mansos que se deixaram apanhar sem susto.

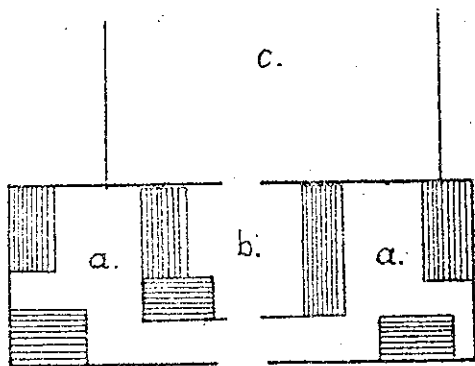
Um jaguar passou ao pé da árvore, e, vendo o menino, perguntou o que estava fazendo lá em cima. Êste lhe contou como o seu cunhado o abandonara ali, com raiva porque êle não se atrevera a pegar os filhotes. Mandou então o jaguar que êle lhe atirasse um dos filhotes para baixo. O menino obedeceu, e o jaguar apanhou a ave entre as patas dianteiras no ar, com um rugido feroz, matando-a imediatamente. O mesmo êle fêz com o outro filhote que o menino lhe atirou. Depois êle mandou que o menino mesmo saltasse para baixo, pois ia apanhá-lo. Êste teve mêdo, mas o jaguar garantiu que não lhe faria mal; que fechasse os olhos e saltasse. Finalmente, o menino obedeceu. O jaguar apanhou-o rugindo ferozmente, e a criança teve um mêdo muito grande. Tranqüilizando o menino, o jaguar mandou-o arrancar um cipó e amarrar os filhotes de arara. Depois mandou que os levasse, e ambos foram à habitação do jaguar. Chegando na aguada dela, lavou o menino que estava muito sujo, e alisou-lhe os cabelos. Em casa êle entregou o menino com as araras à sua mulher, contando como o havia encontrado e concluindo: “Êste agora é nosso filho.” O menino sentou-se ao lado da fogueira e do moquéu que estava

Utensílios domésticos: esteira de envira de buriti, cestas de carga e bolsa de folha de anajá



Compartimentos de reclusão dos Ketuayé

1 : 200.




Rua circular

a: Habitação da família.

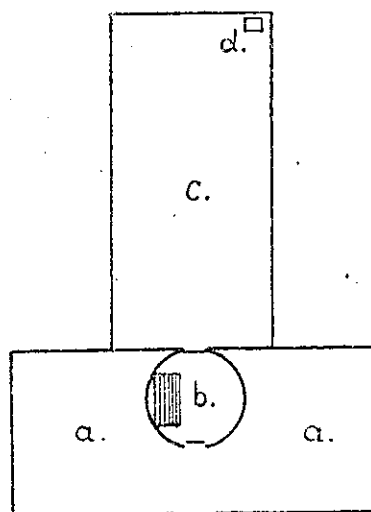
b: Quarto de reclusão

c: Cercado de reclusão

 Cama de varas.

Compartimentos de reclusão dos Pepyé

1 : 200



Rua circular

a: Habitação da família

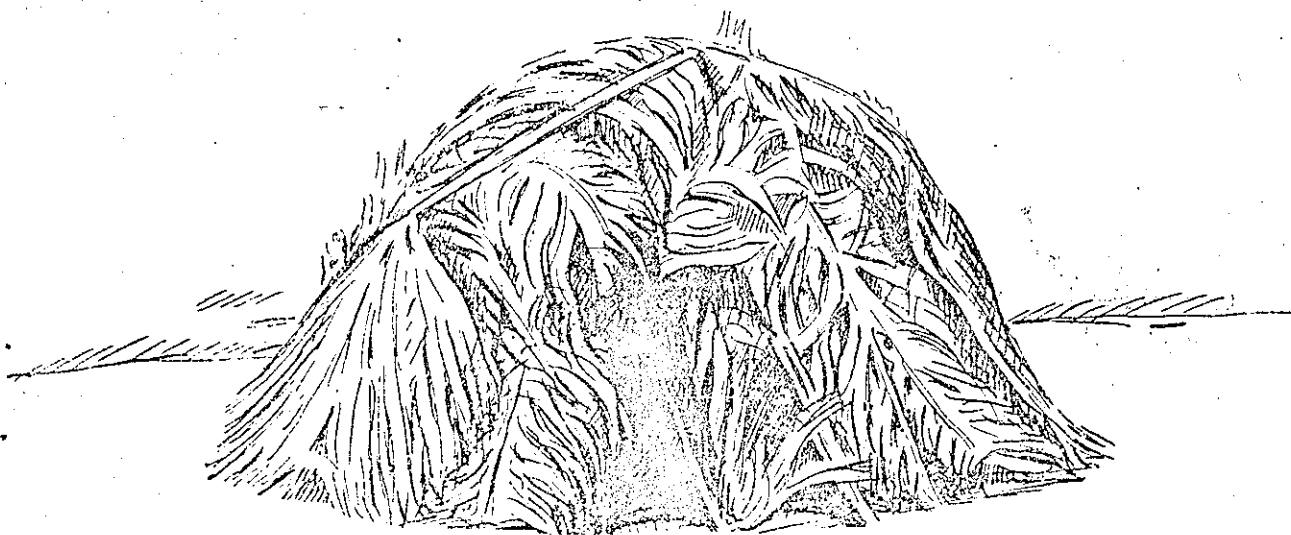
b: Choça de reclusão com cama de varas

c: Cercado de reclusão

d: Sentina

carregado de pedaços de carne, ficando só com a onça, enquanto o jaguar foi caçar de novo. Mal êle tinha ido quando a onça chamou o menino para junto dela para espiolhá-lo; êste, porém, teve medo e correu atrás do jaguar, que voltou com êle para casa, admoestando a onça que não fizesse medo ao menino; depois foi outra vez. Algum tempo depois, porém, a onça pôs novamente a pata no braço do menino, querendo catá-lo. Outra vez o pequeno fugiu e, correndo atrás do jaguar já o alcançou longe da casa, no mato. Então êste lhe fêz um arco e flechas para que, se a onça outra vez o quisesse catar, lhe atirasse uma flecha na palma da mão, mas não nos olhos, para ela não ficar cega. Feito isto êle devia fugir na direção que êle lhe indicou pela mata a fora, até chegar num caminho que o levaria para casa de seus pais. O menino fêz conforme a instrução recebida: Flechou a onça na mão quando ela quis catá-lo e, correndo no rumo indicado, achou o caminho pelo qual voltou para a aldeia. Os seus parentes se admiraram muito de vê-lo voltar, e quando lhes contou da sua vida com os jaguares, do fogo e do moquém. "Devias ter-nos trazido um tição de fogo", disse o pai dêle. A isto o menino se ofereceu para ir buscar o fogo, pois se lembrava ainda bem do caminho. Um número de homens o acompanhou, escondendo-se na mata quando havia chegado perto da casa do jaguar. O menino, aproximando-se devagar, perguntou à onça: "Onde está meu pai (o jaguar)?" — "Foi à mata", respondeu a onça. Mas já o menino tinha agarrado tôda a lenha acesa que havia debaixo do moquém, fugindo com ela. "Podias ter deixado pelo menos um tição para mim!" queixou-se a onça, mas o menino, correndo até onde os homens estavam esperando por êle, lhes entregou o fogo, que levaram para a aldeia. Desde então os índios têm fogo".

Com essas duas versões dos Timbiras Orientais concordam em todos os pontos principais as respectivas lendas dos Apinayé (C. N.: The Apinayé, p. 154), dos Kayapó Setentrionais e dos Serénte; o mo-



tivo é, portanto, bem-comum dos Jê do Noroeste e do Centro, não me sendo conhecido de outras tribos. Os Matakó do Chaco Central (Métraux: *Myths and Tales*, p. 67, 68) e os Cuna do Panamá (Wasén: *Animal Histories*, p. 27) dão, também, o jaguar como sendo primitivamente o senhor do fogo, mas as circunstâncias do roubo são muito diferentes das do mito Jê.

Como assento em casa serve, sobretudo, a cama de varas ou a rede, se a tiver, adiante da casa toras velhas colocadas ao longo da parede. Existem, porém, se bem que raras vezes, banquinhos (mekri-ča) em forma de arco, feitos de espátula de anajá (avar-prêp) especialmente entre os Krikatí e Pukópye. Quando se sentam no chão, gostam de forrá-lo com uma esteira, as mulheres, também, em casa com o abano, no mato com umas fôlhas. No pátio se sentam e deitam as mais das vezes sobre o chão nu; alguns levam, porém, regularmente uma esteira para a sessão. Outros se sentam sobre o seu grande cacête achatado. Só na aldeia dos Kre/púmKateye vi paus compridos na periferia do pátio para assento.

Sem considerar as casas de festas que sempre são demolidas depois da época cerimonial, havia na aldeia do Ponto ainda as construções seguintes: Ao lado da casa em que vivia com suas irmãs o chefe Kukrãça, viúvo, existia, um pouco atrás do círculo das casas, um rancho (forn-yúkwá, do português "forno") onde se via armado sobre quatro pés de pau um grande forno para a fabricação da farinha de mandioca. Pertencia ao dito chefe, que o recebeu há uns 25 anos atrás de um amigo de índios. Todos os habitantes da aldeia se serviam dêle, dando-lhe em pagamento uma cuia cheia de farinha fabricada. Também na aldeia de Pedra Branca dos Krahó existia uma casa de forno semelhante, a uns 300 metros atrás do círculo das casas.

Alguns índios dados à criação de porcos tinham, ao lado da sua casa, abrigos bem construídos de dois metros em quadra, onde êsses animais podiam dormir em tempos de chuva — se quisessem, porque nunca eram presos. Para caítitus mansos que sempre existiam na aldeia para ser mortos por ocasião de certas festas, o proprietário constrói em geral, na beira do terreiro da casa, uma espécie de gaiola de varas verticais de um metro de altura, coberta com fôlhas de palmeiras.

Os poucos índios que possuem algumas galinhas fazem para elas, atrás da casa, uma pequena cobertura de duas águas, de meio metro de altura, diretamente sobre o chão, de varas, pedaços de casca de pau e esteiras velhas, que durante a noite é fechada com pedaços de pau encostados na porta. Êstes galinheiros foram adotados dos neobrasileiros, junto com as galinhas.

Já mencionei o pequeno rancho para hóspedes neobrasileiros que excepcionalmente existia na aldeia Porquinhos dos Apanyekra. Nenhuma tribo Timbira conhece a "casa dos homens" ou a "casa dos solteiros", como o waraã dos Šerénte. As sessões dos chefes e do conselho se realizam ao ar livre, no pátio, onde, também, dormem os moços.

Fora da aldeia usam os Ramkókamekra as seguintes formas de abrigo, quando não preferem acampar ao relento:

Achando-se o roçado longe da aldeia constrói-se perto dêle uma choça para o tempo que exige a presença dos donos. Estas choças não estão no próprio roçado, mas no campo, fora da mata ciliar. Em geral, são ranchos retangulares com cumieira, menores e feitos com menos esmêro que as casas da aldeia. Algumas vezes, porém, encontra-se ainda a antiga choça hemisférica (ikré-yiróno). Esta tem por dentro uma altura de 180 centímetros. A armação consiste em oito ou mais árvores finas fincadas no chão em círculo e envergadas convergentemente nas pontas. Os galhos destas árvores são entrelaçados, raramente amarrados, de maneira a formar paredes. Aros horizontais não existem. Por fim se encostam ao redor, verticalmente, com as pontas para cima, fôlhas de palmeira, colocando outras deitadas por cima em todos os sentidos. A choça, quando feita cuidadosamente, é absolutamente impermeável a chuva, e só perto do chão um pouco ralo. De um lado deixa-se aberta uma entrada de um metro de altura.

No mesmo estilo, mas com menos cuidado, são feitas as choças dos acampamentos volantes que todos os Timbiras dos campos constroem quando em grupos maiores acampam fora, durante as caçadas e outros trabalhos. Sempre formam um círculo, tendo cada dona de casa o cuidado de colocar a sua no lugar que corresponde exatamente ao que lhe compete, também, na aldeia. Estas choças são feitas pelas

mulheres exclusivamente, mas nunca pelos homens, quando, sem a família, acampam fora da aldeia.

Impõe-se agora a pergunta: Tinham os Timbiras originariamente só essas choças hemisféricas ou possuíam êles, nas suas aldeias permanentes, desde tempos antigos, outras habitações maiores e mais duradouras? — Diversas razões falam em favor desta última hipótese:

1) Na choça hemisférica não pode haver nem camas de varas nem jiraus altos para as moças.

2) Nenhuma família-grande, como as que são as unidades sociais dos Timbiras, caberia nela.

3) Seria impossível reunir os meninos durante a primeira fase das iniciações em duas choças destas, uma do lado do Oriente, outra do lado do Ocidente da aldeia, pois o número dêles era ainda, em 1930, de duas vezes 16, e antigamente é provável que ainda tivesse sido mais elevado.

4) Igualmente impossível se tornaria no interior de uma choça semelhante a construção de um quarto de reclusão para uma ou mais pessoas, como o exige a última fase das iniciações.

5) Ela não podia servir de casa de reunião a nenhuma das sociedades de Festa que ainda hoje contam de 15 a 30 membros.

6) A instituição das duas moças *Vu/té* pressupõe a existência de casas muito maiores, pois o número dos que nas duas casas delas se reúnem era ainda em 1933, de 54 e 57, respectivamente.

Convencido estou de que, se tôdas essas cerimônias tivessem tido lugar antigamente ao ar livre ou em latadas erigidas *ad hoc*, isto ainda hoje se daria, pelo menos, na maioria dos casos. Ao contrário, prova a localização tradicional das cerimônias em determinadas casas do círculo da aldeia, que elas aí se realizaram desde as antiguidade. — De que tipo, porém, eram originalmente as cas a grandes dos Timbiras, não se pode mais determinar hoje. Perguntando aos índios, recebe-se invariavelmente a resposta que elas sempre foram do tipo atual. Disto, porém, só se pode tirar a conclusão que a substituição do tipo antigo pelo neobrasileiro se deu muito cedo, mas não que êste seja de fato o original dos Timbiras.

Fora destas duas formas de habitação: a casa retangular de cui-eira e a choça hemisférica, usam os Timbiras Orientais oportunamente tôda uma série de tipos mais primitivos de abrigo: Há paraventos de fôlhas de palmeira encostadas obliquamente contra alguma vara horizontal metida entre os galhos de duas árvores vizinhas ou armada em duas forquilhas. Não encostando as fôlhas numa travessa, mas fincando-as no chão, em semicírculo, resulta um paravento semicônico, como Snethlage observou e como eu vi algumas vezes como primeiro abrigo numa aldeia nova. Latadas, isto é, quadros horizontais retangulares de varas armadas na altura de um homem e cobertas com fôlhas de palmeira, só se vê por ocasião de cerimônias festivas no campo aberto, fora da aldeia. O seu nome é, como o do paravento, *ikré-po* = casa chata. Também os neobrasileiros da região armam semelhantes latadas ao lado das suas casas, sempre que celebrarem alguma festa, e dêles visivelmente os Timbiras os adotaram. Elas só oferecem abrigo contra o sol, mas não contra a chuva. Pessoas isoladas, obrigadas a pernoitar no campo ou surpreendidas em caminho por um temporal, engrossam a copa de algum arbusto por meio de galhos e fôlhas de palmeira deitadas sobre êle até formar um abrigo ou amarrando, sem cortá-las, as fôlhas de duas touceiras de palmeira patii pouco distantes uma da outra, formando assim uma espécie de guarita. Durante cerimônias prolongadas no pátio, nas horas de maior insolação, armam os espectadores, freqüentemente, esteiras para abrigar-se do sol, encostando-as em qualquer apoio como seja um arco ou uma espada de pau fincada no chão ou simplesmente contra as próprias costas.

Finalmente, observei ainda que uma caverna na ponta oriental da Serra do Moquém, 18 quilômetros ao sul da aldeia de Pedra Branca dos Krahó, era oportunamente ocupada como abrigo, pois tinha na entrada algumas fogueiras velhas, apagadas.

Curt Nimuendaju.